

Da loucura unificante à consciência dilacerada pela falta

Rita Paiva

E-mail: paiva.rt@terra.com.br

Resumo: Este texto pretende discutir, com base em considerações freudianas, a identidade primária que rege a vida psíquica no período que antecede o aparecimento do eu. Ancorado na leitura que C. Castoriadis tece do “inconsciente freudiano”, procura evidenciar que a consciência, uma vez configurada, condenada à falta e à incompletude, será, durante toda a sua existência, impulsionada pelo desejo de reencontrar a representação originária ou a alucinação primária.

Palavras-chaves: alucinação primária; consciência; incompletude.

Abstract: This communication intends to discuss, based on Freudian considerations, the primary identity that governs the psychic life in the period before the emergence of the self. Grounded on C. Castoriadis' reading of the “Freudian unconscious”, the communication attempts to evidence that, once consciousness has been configured and sentenced to want and incompleteness, it will be, for all of its existence, driven by a desire to find again this original representation or primordial hallucination.

Key-words: consciousness; primordial hallucination; incompleteness.

Introdução

Inicialmente, é preciso assinalar que a tematização de uma identidade primária entre psique e mundo, tal como apresentada neste texto, é parte integrante de um trabalho mais amplo sobre a vivência do absurdo

e da incompletude na filosofia de Camus e Cioran. A pesquisa em questão procura problematizar o modo pelo qual, nesses autores, o absurdo da condição humana associa-se a uma clivagem entre representação e mundo. A passagem pela psicanálise, no corpo desta investigação, pretende, pois, fundamentar o problema da incompletude e da falta que se inscreve em todos nós e que delinea, enfim, a tragicidade da condição humana.

A loucura unificante do estado originário

Freqüentemente, tecemos uma leitura equivocada acerca do nosso próprio eu, já que, usualmente, a consciência se nos apresenta como esfera delimitada e autônoma. Internamente, contudo, inexistem fronteiras explícitas que circunscrevam o território consciente da mente, separando-o de suas dimensões mais profundas. Estas, poderosas e intensas, têm no ego uma espécie de fachada, que, parafraseando Freud, traz a “marca indelével da sua origem” (1978b, p. 240).

Em *O mal-estar da civilização*, essas reflexões constituem o ponto de partida para que Freud problematize o argumento de um escritor, segundo o qual o sentimento religioso equivale a um *sentimento oceânico*, que propicia a experiência de algo ilimitado e eterno. Atentemos: “oceânico” concerne aqui a uma sensação de unidade, de fusão entre o eu e o universo, de modo que a consciência se auto-apreenda como uma totalidade. Ao tematizar o advento da consciência, o autor advoga que todos nós vivenciamos um período anterior ao advento do eu. Os acontecimentos da mente pertinentes a esse período perfazem os chamados processos primários, nos quais a vida mental é regida pelo princípio de prazer. É o domínio inequívoco das pulsões que aí prevalece.

Substrato mesmo da psicanálise freudiana, as pulsões constituem movimentos ou forças que, tendo no corpo sua fonte, atuam como um estímulo para o psíquico, almejando a liberação de sua tensão em algum alvo. Ainda que partam de fontes somáticas, como sustenta o autor em

Pulsões e destinos da pulsão, essas energias não são necessariamente psíquicas ou biológicas, o que torna imperativa a sua representação. Logo, é através de seus representantes psíquicos que as pulsões se manifestam; é por suas metas ou por seus efeitos que elas se deixam conhecer. Destarte, o movimento pulsional, que é externo à vida anímica, direciona-se para representações identificatórias que vicejam no inconsciente e tendem a se concretizar em determinados objetos. No estágio mais arcaico da vida psíquica, prevalece a identificação primária; nela, as pulsões estão todas voltadas para o próprio corpo e não se desenha a distinção entre os limites da consciência e da realidade.

Considerando que o desenvolvimento da psicanálise operou uma domesticação do conceito freudiano de inconsciente, minimizando sua força e radicalidade – seja pelo fato de haver dotado o psiquismo de uma lógica maquinal ou pelo simples fato de torná-lo lógico –, Cornelius Castoriadis, em seu livro *A instituição imaginária da sociedade*, procura restituir a dimensão vertiginosa da invenção freudiana. Nesse sentido, sustenta que, ao procurar compreender inteligivelmente o material que constitui o inconsciente, nada apreendemos dele se nos pautamos pelos critérios que comumente orientam nosso pensamento. Nessa instância psíquica, os contrários coexistem e não se apresentam enquanto tais; sua natureza escapa a todos os cânones da lógica. Paradoxalmente, entretanto, é enquanto representação que ela se substancializa; um tipo de representação que se apresenta simultaneamente como um e vários: uma “multiplicidade inconsistente”, parafraseando Castoriadis. Assim, a natureza dessa representação só pode ser apreendida se ponderarmos que ela emerge fortemente mesclada aos afetos e a um processo intencional, os quais se confundem com a sua própria natureza: “O inconsciente só existe como fluxo indissociavelmente representativo/afetivo/intencional” (Castoriadis 1982 p. 317). Separá-los implica, necessariamente, a perversão da natureza mesma desse representar. Não obstante, no intuito de captar o caráter ímpar dessa representação, Castoriadis sugere que a pensemos em estado puro: “[...] suponhamos que a separação seja efetúavel e efetuada

e atenhamo-nos à representação como tal. Como não ver que ela escapa aos esquemas lógicos mais elementares, que ela foge por todos os lados, que não poderíamos submetê-la a nenhuma das exigências da determinidade?” (1982, p. 317). Daí que a substância do inconsciente – que é representação – não se deixe traduzir pela linguagem da vigília sem que sua virulência e sua especificidade se percam.

Conseqüentemente, na aurora da vida psíquica, a mente equivale a uma totalidade que cria – ou inventa – representações fundamentadas exclusivamente em sua capacidade imaginante. O que instiga o pensamento, nesse aspecto da teoria freudiana, e é trazido a lume na leitura de Castoriadis, é a idéia segundo a qual a vida psíquica se delinea com base em sua capacidade originária de criar um pensamento alucinado. A força dessa imaginação radical faz surgir uma primeira representação; e as representações futuramente engendradas no transcurso de uma vida humana serão, de certo modo, potencializadas pelos resquícios desse onirismo originário. Representações estas que ensejam a idéia paradoxal de que o delírio fantasmático constitui a premissa necessária que preconiza o advento da razão: “O esperma da razão está também contido na loucura integral do autismo primário. Uma dimensão essencial da religião, é óbvio, mas também uma dimensão essencial da filosofia e da ciência derivam daí” (Castoriadis 1982, p. 342). Seguindo a vertente aberta pelos textos de Freud e pela leitura que Castoriadis fez desses mesmos textos, esse núcleo pulsante de energia criadora corresponde à totalidade da psique em seu estado primário e constitui a fonte propulsora das representações em geral; no entanto, ele será, sobretudo, autor de uma representação primeira e soberana. Nessa representação originária criada pelo inconsciente, inexistem índices de realidade; nela a ficção, investida de afeto, amalgama-se com a verdade. É essa realidade psíquica originária, que não difere de uma alucinação, e a peculiaridade desse representar instituinte de todas as representações que pretendemos tematizar.

Essa fantasia fundadora é, simultaneamente, “representação e investimento de um si que é tudo” (ibid., p. 330). Ela será soberana enquanto

a mente estiver sob o reino ilimitado do princípio de prazer; seus intuitos visam exclusivamente à satisfação de sua energia pulsional, sem que seja possível diferenciar percepção e alucinação. A representação produzida pelo princípio de prazer nos processos primários alucina um estado em que “a presença do objeto e a satisfação são por construção asseguradas, na medida em que ‘sujeito’ e ‘objeto’ do desejo se encontram sem excesso nem falta, coincidem automaticamente” (ibid., p. 336).

Eis, pois, na leitura que o filósofo tece dos textos freudianos, o *núcleo monádico do sujeito originário* que coincide com um “autismo indiviso”, no qual afeto e intenção se mesclam num estado identitário que precede o aparecimento de toda dissonância ou alteridade, de toda falta, e no qual o ser é imediatamente sentido e realizado. Nessa constituição preliminar, o ser pensante, coincidente com a própria representação, se traduz substancialmente numa alucinação; a referência do pensar que aí se instala concerne apenas a ele mesmo. No âmbito da mônada originária, o sujeito é a cena em que não se distinguem o objeto do desejo, bem como sua realização e a própria cena em que se delineia a fantasia primária do absoluto, qual seja, a loucura primordial da fusão e da onipotência. A pré-história do eu é, pois, caracterizada por uma loucura unificante e originária em que a realidade equivale a uma mônada psíquica indiferenciada. Ulteriormente, essa experiência primordial, em que não nos dissociamos do universo, persistirá em nós; certamente, não como uma lembrança límpida, mas como um tipo de afeto vago e indefinível, que talvez encontre sua tradução na idéia de “sentimento oceânico”. Enfim, nos será residual um obscuro resquício mnêmico de uma época em que a mente equivalia, ainda no registro do comentador, a uma mônada psíquica a-social e anti-social, ou seja, totalmente fechada em si mesma e absolutamente separada do mundo e dos outros, em estado de plena clausura.

A persistência do delírio originário sob a constituição do humano

A constituição do indivíduo, a qual não se fará sem sua inserção na cultura e na sociedade, impõe à psique, envolta em processos alucinatórios, uma organização que lhe é absolutamente estranha e que conduzirá a mônada originária de pura clausura a “[...] ultrapassar as fronteiras do narcisismo e a depositar a libido nos objetos” (Freud 2004, p. 105). Dessa experiência emerge o indivíduo socialmente constituído, portador de uma fenda interna, para sempre dividido entre as construções objetivas, às quais se adapta – e que constituem para ele o real –, e uma dimensão mais obscura da mente, regida pelo desejo de perpetuação de sua condição monádica. Detenhamo-nos nesse ponto.

Com uma exterioridade mediatizada pelos outros, ou seja, pela linguagem, e inicialmente ininteligível, certas influências passam a ser exercidas sobre a psique, que não poderá delas se esquivar. Como sustentado pela análise freudiana, as primeiras experiências de frustração suscitarão as representações iniciais de uma alteridade que começará a indicar à psique algo além da sua relação identitária com o mundo. Nessa perspectiva, o ódio presentifica-se como o afeto primordial experienciado pela psique e dimana do repúdio do Eu monádico, parafraseando Castoriadis, aos estímulos oferecidos pelo mundo externo.

Em *Pulsões e destinos da pulsão*, Freud assinala:

[...] é por meio das pulsões de autoconservação que primeiramente o objeto do mundo externo é trazido ao Eu. O mundo externo é percebido como estranho e como um portador de fluxos de estímulos, e sem dúvida a relação do Eu com o mundo externo tem o sentido primordial do odiar. (2004 [1915], p. 159)

Mais especificamente, será a fala da mãe, portadora das significações e das interdições culturais que demarcam os limites do possível e do lícito, que suscitará a elaboração das primeiras referências que sinalizam acerca de um mundo exterior. Essa alteridade não se diferenciará ainda da representação originária; por um lado, ela corporificará o primeiro

confronto com um outro sujeito distinto da realidade psíquica, mas, por outro, será ainda assimilada pelo bebê com base em fantasias de onipotência por ele engendradas. Assim, essa presença será interpretada como parte de sua representação delirante: “Tão logo captou um pedaço de ‘realidade’, ele precisa metamorfoseá-lo para adaptá-lo à irrealidade que é a única que tem sentido para ele” (Castoriadis 1982, p. 348).

Mas, a despeito da sua incorporação à representação fantástica da psique, esse outro onipotente é perpassado e orientado por leis e princípios socialmente estabelecidos; ele aponta, efetivamente, para interdições e injunções que o ultrapassam. Desse modo, insinua, ainda que muito vagamente, a presença da norma, dos interditos que aludem a uma realidade independente do sujeito, ao mesmo tempo em que potencializa uma instância interiorizada da repressão, de um recalque que funda o inconsciente. “Assim se instaura um inconsciente, no sentido dinâmico do termo, e uma repressão verdadeira: repressão, não do que *não* pode ser exprimido, posto que não pode ser representado, mas por repressão de que não deve ser exprimido porque foi representado e *continua a sê-lo*” (ibid., p. 350). Destarte, estabelece-se uma identificação, já não autística, no dizer de Castoriadis, mas transitiva. Dito de outro modo, nesse momento não estão configuradas as condições propícias para que se instaure uma compreensão do mundo enquanto realidade autônoma, mas já se delineia um estado em que a existência de uma realidade que ultrapassa a alucinação originária se engendra e ameaça a clausura da mônada.

Apenas a plena superação do *autismo primário* (ibid., p. 336) viabilizará a configuração do eu. Essa etapa da história da psique, numa terminologia freudiana, concerne à castração, à perda primordial, que implica a interdição definitiva dessa fusão, dessa unidade com o outro – a mãe –, o que colocará em movimento o desejo do sujeito. Cesura que, para se efetivar, exige a presença de um terceiro, cuja função consiste não apenas em frustrar a totalidade do desejo materno na criança, direcionando-o para outros objetos, mas também em apresentar a proposta simbólica substancial, qual seja, a substituição da fusão com a natureza

pelas alternativas oferecidas pela cultura. A relação edipiana, que anuncia para a criança uma outra direção para o desejo da mãe, chancela, enfim, a falência da fantasia unificante em que a criança constitui o único objeto desse outro Absoluto. Eis, como observa Castoriadis, a maior significação dessa idéia freudiana:

[...] na situação edipiana, a criança tem que enfrentar uma situação que não é mais manipulável imaginariamente de acordo com sua vontade: o outro (a mãe) destitui-se de sua onipotência, preferindo-se a um terceiro, ao mesmo tempo em que significa à criança que seu próprio desejo tem um outro objeto fora dele, e que ela própria é objeto do desejo de um outro, o pai. (Ibid., p. 353)

Com base nisso, impõe-se, irrefutavelmente, para a psique, a existência de um mundo autônomo, composto por objetos e por outros seres desejantes, regidos por leis e dinâmicas que lhe escapam. A onipotência transferida a esse outro, que figura como fonte de referências absolutas, pulveriza-se à medida que ele se destitui do lugar de fonte de significações. Assim, a presença de um terceiro que represente o convite da cultura não basta; é crucial que, aos olhos da criança, o outro já não figure como senhor e fonte das significações, ou seja, que os sentidos e as interpretações que ele impõe a essa psique remetam a significados que transcendem a ambos e que se revelam socialmente instituídos, evidenciando, desse modo, que nenhuma pessoa em particular pode personificar a fonte das significações que o mundo exterior assume. Se a castração, enquanto processo simbólico por meio do qual o sujeito advém, tal como interpretada por Lacan, implica, por um lado, a perda de uma fonte absoluta e fixa de significações, por outro, resulta nesse indivíduo que, graças à sua incompletude, pode mover seu desejo em relação aos seus projetos e aos ideais que introjeta e passa a perseguir como representação desejável de sua própria pessoa.

Ao estabelecer um universo simbólico, um universo de linguagem, a cultura instaura referências objetivas, atribuindo certa concretude ao real, para o qual se abre esse ser desamparado que se desvia da loucura unificante, evadindo-se da natureza e inserindo-se no mundo humano. O

acesso à palavra sacramenta, pois, a evasão do estado de natureza e a inserção na ordem simbólica, pressuposto necessário para o advento da condição humana: “Nos termos freudianos, a ordem simbólica é um correlato do princípio da realidade, que não nega por completo os objetivos do princípio do prazer, mas os canaliza para caminhos socialmente estabelecidos” (Fink 1998, p. 79). Sabemos que Freud denominou sublimação o processo em que a libido, inicialmente voltada para metas exclusivamente sexuais, dirige-se para fontes dotadas de significação socialmente instituídas – ou seja, inibidas em suas finalidades. A alusão a esse conceito permite-nos inferir que o prazer anteriormente atingido com as representações privadas, em que a satisfação se amalgamava com o pensamento alucinado, é ainda obtido com representações, no entanto, sob uma nova roupagem: um caráter público e social. Ou seja, são as representações socialmente instituídas que figurarão como fonte de investimento e de prazer:

O prazer começou por ser protoprazer da mônada psíquica, [...] [mas] o indivíduo social é alguém que pode sentir prazer em fabricar um objeto, em falar com os outros, em ouvir uma história ou um canto, em folhear uma pintura, em demonstrar um teorema ou em adquirir um saber [...]. Esta transformação tanto da “fonte” como do “caráter” do prazer, [é] em si mesma uma das coisas mais surpreendentes entre todas aquelas com que nos confronta a psiquê, [...]. (Castoriadis 1982, p. 358)

É por esse prisma que Castoriadis, em sua análise, estabelece um paralelo entre a situação originária e o sujeito já inserto nos processos secundários, momento em que se encontra plenamente socializado. Ou seja, não obstante o abismo que se interpõe entre os dois estágios, em ambos o prazer advém do acesso à representação. Entrementes, se no primeiro momento o princípio de prazer se consuma com uma alucinação imaginada pela própria psique, em sua loucura de onipotência, no segundo, o prazer é mediatizado por significações e coisas cuja realidade ontológica não tem origem em sua imaginação privada, mas, inversamente, são criadas e instituídas pelos outros que substancializam a objetividade

social do mundo. A tarefa de perseguir significações configurar-se-á, pois, como exigência imperiosa e irrecusável, uma vez que os vãos da existência, aquelas instâncias vazias de discurso e sem significação, parecerão ao sujeito consciente, ao eu, absolutamente insuportáveis.

Não obstante, contemporizando com a análise freudiana, o advento dessa instância psíquica outra, ou do sujeito pensante que se põe no encaço de ideais socialmente estabelecidos, é açulado por uma falta insuperável. Daí deriva que a dimensão mais superficial de nossa vida psíquica, o ego, orientar-se-á pelo princípio de realidade e, com sua função organizadora, constituirá a parte da mente com a qual estaremos familiarizados e a qual conheceremos com certa razoabilidade; no entanto, em concomitância com a dimensão consciente, das dimensões obscuras do inconsciente, aflora um vazio que não pode ser subtraído, suscitado pela marca indelével daquele tempo em que nos encontrávamos insertos na sensação de completude, da qual experienciamos a revivescência em nossas fantasias inconscientes. Em *À guisa de introdução ao narcisismo*, Freud observa que:

O desenvolvimento do Eu consiste em um processo de distanciamento do narcisismo primário e produz um intenso anseio de recuperá-lo. Esse distanciamento ocorre por meio de um deslocamento da libido em direção a um ideal-de-Eu que foi imposto a partir de fora, e a satisfação é obtida agora pela realização desse ideal. (2004 [1914], p. 117)

Nessa perspectiva, o processo pelo qual nos evadimos da ilusão de completude, do qual decorre o redirecionamento das pulsões para infinitas e múltiplas possibilidades de investimento, será ainda movido pelo desejo inconsciente de reencontrar o estado primordial. O eu, uma vez configurado, será, pois, visceralmente cunhado pela precariedade e destinado a conviver com uma falta que se revela, por vezes, intolerável. O desejo perene que mobiliza as pulsões é o da volta a esse estado originário, ao encontro de um Outro onipotente que, num momento precedente ao aparecimento da consciência, assumiu e monopolizou as possibilidades de

interpretação, visto que foi simultaneamente fonte de sentido, de prazer e desprazer.

Destarte, as significações oferecidas pela cultura, não obstante ofereçam fundamentos e justificativas para a existência humana, jamais saciarão completamente a carência de sentidos, porquanto não poderão estancar o desejo inconsciente e indomável de reencontrar uma representação que faça coincidir o ser e o mundo, o sujeito e o objeto:

À ruptura de seu mundo, de si mesmo, que numa etapa representou arrombamento operado pelo objeto separado e pelo outro, o sujeito responde reconstituindo interminavelmente, na fantasia, esse mundo primitivo, se não em sua unidade intocada, agora inacessível, pelo menos em suas características de fechamento, de domínio, de simultaneidade e da congruência absoluta entre a intenção, a representação, o afeto. (Castoriadis 1982, p. 338)

Dessa forma, por toda a sua vida, esse sujeito será habitado pela memória dessa experiência fantasmática de fusão com o todo, pela nostalgia desse estado narcísico que, por vezes, o assalta, tomando, talvez, a forma de um “sentimento oceânico”. Esse desejo inconsciente de retorno advém da falta que se inscreverá profundamente na condição humana. A impossibilidade de retorno a esse estado de fusão entre o sujeito e o mundo deve-se, antes de tudo, ao fato de que esse estado jamais poderá ser efetivamente representado enquanto tal, uma vez que a sua configuração antecedeu radicalmente o advento de toda e qualquer representação consciente:

O que falta, e faltará para sempre, é a irrepresentabilidade de um “estado” primário, o antes da separação e da diferenciação, uma proto-representação que a psiquê já não é capaz de produzir, que magnetizou para sempre o campo da psiquê como presentificação de uma unidade indissociável da figura, do sentido e do prazer. (Castoriadis 1982, p. 339)

A ruptura que expulsa a psique da clausura original estabelece a clivagem definitiva e intransponível entre ela e seus objetos; mesmo em

suas representações mais absurdas e fantásticas, o sujeito não suplantará o corte que lhe privou a ilusão de inserção num estado absoluto. Essa impossibilidade não vai obstar que a persecução última de todo desejo pulsional seja reencontrar aquilo que a psique já não é e não poderá ser mais.

Uma ambivalência assim se delinea. Por um lado, temos que a cisão com a representação original configura a premissa irrecusável para que a psique se abra para uma realidade que a transcende e que é socialmente construída; por outro, temos uma resistência a esse processo, a qual se perpetuará por toda a vida do sujeito e prevalecerá nas instâncias inconscientes da mente com uma virulência indomável, mas jamais poderá ser representada ou plenamente significada, portadora que é de um sentido absolutamente inapreensível para o eu. Novamente, Castoriadis: “Se o inconsciente ignora o tempo e a contradição, é também porque, escondido no canto mais escuro desta caverna, o monstro da loucura unificante aí reina como senhor” (1982, p. 341). Daí decorre que, em sua generalidade, as representações inconscientes serão regidas por um desejo de unificação – o senhor de todos os desejos – que ignora e visa à supressão de toda diferença e de toda distância entre o sujeito e seus objetos. Destarte, o inconsciente “[...] será sempre dominado por aquilo que foi o primeiro núcleo da psiquê, a mônada psíquica que, ausente como tal do inconsciente, marcará com seu selo tudo o que lá se passa” (1982, p. 341). Não obstante, se o estado originário é conscientemente irrepresentável, sabemos que é a sua reminiscência que nos põe no encaixo de utopias unificantes, de sentidos que expulsem a insuperável clivagem entre a consciência e o mundo. É também essa fantasia de retorno a um estado primário que nos conduz ao assentimento das significações ou representações socialmente criadas como se elas encarnassem o real em si mesmo. Serão as pulsões que, em sua plasticidade, mobilizarão a psique nessa busca. Essa reflexão impõe uma volta à tematização das pulsões na teoria freudiana.

Eros e *Tânatos* na busca do estado primordial

Em seu texto *Além do princípio do prazer*, ancorado numa reflexão acerca dos primórdios da vida biológica e das tendências que a peculiarizam, Freud identifica, ao lado das forças pulsionais engajadas na preservação e na ampliação da vida, forças de naturezas opostas que visam ao retorno ao inorgânico, à quietude que precede o movimento vital. Trata-se de pulsões que, apesar de antagônicas, compartilham seus propósitos; ambas perseguem a fantasia de reencontrar um estado primordial em que prevalece a identidade plena entre sujeito e objeto, em que a representação coincide com o ser; sintetizando: é a busca do absoluto e da completude que as move. Não obstante, essas pulsões diferenciam-se na estratégia de sua procura. As primeiras, substancialmente libidinais, investem no movimento, no ato criador, na expectativa vã de que a realização do desejo propiciará o reencontro de um estado originário; a frustração proveniente de cada insatisfação inaugura um novo percurso, com o investimento num objeto outro; são essas as pulsões que o eu apreende mais claramente em sua percepção interna, sua atuação é apreendida com mais intensidade e prazer. As segundas, também persecutórias das alucinações originárias e do gozo delas provenientes, são avessas às tensões; o que elas visam é ao grau zero de movimento, ao repouso, à completude de um estado original para sempre perdido e que o pensamento não poderá contemplar jamais. Em outros termos, essas pulsões visam à supressão do desejo, ao retorno ao repouso fantasmático; não são claramente perceptíveis, trabalham silenciosamente. Daí a idéia desenvolvida pelo autor: todo orgânico anseia pelo retorno à ausência de movimento que peculiariza o inorgânico, de sorte que não seria exagero asseverar que a aspiração maior de todo ser vivente é morrer. O texto freudiano é contundente: “A meta de toda vida é a morte. E com igual fundamento: o inanimado era antes que o animado” (Freud 1948, p. 1126).

Certamente, a vida é regida por pulsões que encontram sua melhor representação na figura de Eros. Não obstante, ela é também

permeada pelas pulsões de morte (Tânatos). Estas últimas, originalmente, visam apenas à satisfação numa completude inerte, perseguem, pois, um estado irrepresentável no qual o sujeito ainda não se delineou. Mas, aliando-se às representações simbólicas que se descortinam com a inserção na linguagem, essas pulsões podem mobilizar o desejo, tornando-se também criadoras. Vislumbramos, então, que esses movimentos pulsionais – opondo-se ou aliando-se –, por um lado, agem conjuntamente na natureza, de sorte que regem e engendram os fenômenos em suas manifestações diversas e multifacetadas; por outro, identificam-se como pulsões que se confrontam numa luta permanente no interior do inconsciente humano. A dinâmica da vida psíquica é de certo modo regida pela tensão insuperável e permanente entre essas duas vertentes.

Não obstante, ultrapassando a idéia de que as pulsões de morte coincidem com o desejo de retorno ao inanimado, em *O mal-estar na civilização*, Freud postula que, se as pulsões de morte permanecem plenamente contidas na psique, elas operariam necessariamente a morte do eu. Daí que parte delas extravasem, assumindo a forma da violência, da agressividade e da crueldade que se explicitam, pois, como aspectos não necessariamente decorrentes de uma socialização mal realizada, mas como elementos imanentes à natureza humana. Com esses argumentos, Freud associa as pulsões tanáticas com destruição, ao mesmo tempo em que postula o mal como manifestação intrínseca à condição do homem, de modo que a tendência à destruição se manifesta como “disposição pulsional autônoma, originária do ser humano” (Freud apud Garcia-Roza 2004, p. 142). Expressando-se, sobretudo, na eclosão da violência, essas pulsões, que afinal aspiram ao fim do eu, mesmo quando atuam dissociadas do caráter sexual, remetem a um gozo originário. Nesse sentido, Freud enfatiza que, em sua fúria destrutiva, a satisfação dessas pulsões ocorre sempre amalgamada a “[...] um grau extraordinariamente alto de fruição narcísica, devido ao fato de presentear o ego com a realização de antigos desejos de onipotência deste último” (1978b, p. 175). É inequívoco, pois, que o movimento pulsional dessas forças vem ao encontro dos

delírios unificantes que vicejam nas dimensões mais recônditas da psique e ensejam o erradicar do que nos define como humanos. Ao contrário das pulsões eróticas que, ao investirem no objeto, logram a realização do desejo, ainda que oblíqua e parcialmente, contribuindo para a ampliação da vida e dos propósitos civilizacionais, as pulsões tanáticas recusam-se a se plasmar nas alternativas oferecidas pela cultura; sua persecução visa ao aniquilamento de todo o desejo: “As pulsões [...] inerentes a todo ser vivente, as pulsões de morte, recusam todo e qualquer deslocamento e aspiram ao vazio que nos habita”. Daí ela poder “[...] ser concebida como este resto pulsional que [...] ultrapassa a dimensão do desejo (tendência da pulsão articulada a um objeto recalcado, objeto da fantasia) e aponta para o vazio” (Kehl 2002, p. 163).

Sabemos que o desejo se movimenta inconscientemente suggestionado pela ilusão de que reencontrará a completude, que se mostra irrealizável todas as vezes que o objeto investido é alcançado. Justifica-se, assim, o incansável percurso do sujeito que, na condição de ser desejante, permanentemente atravessado pela angústia e pela incerteza, investirá sucessivos objetos durante toda a sua vida, numa busca incessante desse objeto do desejo, desde sempre perdido. É nessa aventura que a humanidade se lança, instaura seus projetos de criação, mas também os seus atos visceralmente violentos, os seus ímpetos de destruição. Nessa senda, é lícito considerar que o propósito último das pulsões – de vida ou de morte –, se alcançado, implicaria o fim do eu, a supressão daquela humanidade que emerge do processo de castração. Noutros termos, lograr a tão sonhada supressão da falta equivaleria ao fim do desejo. Fantasia que persiste e renasce constantemente nos confins do inconsciente, como o monstro da loucura unificante, no dizer de Castoriadis. Sendo assim, a cultura, enquanto invenção e desnaturação, configura uma defesa em relação a algo originário que antagoniza radicalmente com a condição de homem. Os objetos investidos na procura sem fim do originário concernem a significações socialmente produzidas, que permitem ao sujeito não apenas almejar um ideal, mas também acreditar, por vezes, que a persecução de certas

significações poderá suplantar a falta que, paradoxalmente, no registro freudiano, originou o sujeito pensante e autônomo. O enfrentamento consciente dessa falta pode constituir uma experiência intolerável. Sob esse prisma, o investimento em determinadas crenças, nos mitos, em certos ideais, vem, comumente, ao encontro de nossas fantasias mais arcaicas, propiciando a sensação de que nos inserimos num todo organizado e fixo, no qual as significações que nos orientam constituem a própria realidade. Assim, uma ilusória possibilidade do reencontro com um estado primário e absoluto vem atenuar nossa falta, nossa insuperável condição de seres precários e incompletos.

Referências

- Castoriadis, Cornelius 1982: *A instituição imaginária da sociedade*. Tradução de Guy Reynaud. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- _____. 1987: *A encruzilhada do labirinto II*. São Paulo, Paz e Terra. Fink, Bruce 1998: *O sujeito lacaniano*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Freud, Sigmund 1948: "Metapsicologia". In: *Obras completas*. Tradução de Luiz López-Ballesteros y de Torres. Madri, Biblioteca Nueva.
- _____. 1951: *Inhibition, syntôme et angoisse*. Paris, PUF.
- _____. 1978a: "Esboço de psicanálise". In: *Sigmund Freud*. São Paulo, Abril Cultural (Coleção Os Pensadores).
- _____. 1978b: "O mal-estar na civilização". In: *Sigmund Freud*. São Paulo, Abril Cultural (Coleção Os Pensadores).
- _____. 2004 [1914]: "À guisa de introdução ao narcisismo". In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro, Imago.
- _____. 2004 [1915]: "Pulsões e destinos da pulsão". In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro, Imago.
- _____. 2004: "Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico". In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro, Imago.
- _____. s/d: *Nouvelles conférences sur la psychanalyse*. Paris, Gallimard.

Garcia-Roza, Luiz Alfredo 2004: *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

Kehl, Maria Rita 2002: *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo, Companhia das Letras.

Lacan, Jacques 1988: *Escritos*. São Paulo, Perspectiva.